

A FRAGATA PALLADA

Ivan Alexandrovich
Goncharov

Tradução de Alberto Taddei

COLEÇÃO
À ESQUINA DO MUNDO
III



Sopa de
Letras

A Fragata Pallada

Título

A Fragata Pallada

Autor

Ivan Alexandrovich Goncharov

Tradução

Alberto Taddei

Coordenador da colecção

António Fournier

Edição e *copyright*

Sopa de Letras

1.^a edição – Maio de 2011

© Príncipia Editora, Lda.

Design da capa Maia Moura Design • **Execução gráfica** Rolo & Filhos II, S.A.

ISBN 978-972-8708-61-0 • **Depósito legal** 326798/11

Sopa de Letras

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal

Tel. +351 214 678 710 • Fax +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.sopadeletras.com.pt

Ivan Alexandrovich Goncharov

A Fragata Pallada

Colecção
À Esquina do Mundo



Colecção
À Esquina do Mundo

I

Viagem sobre o Atlântico em Balão, de Emilio Salgari

II

Um Dia na Madeira, de Paolo Mantegazza

III

A Fragata Pallada, de Ivan Alexandrovich Goncharov

A colecção *À Esquina do Mundo* tem o apoio da

DRAC - Madeira

Direcção Regional dos Assuntos Culturais

Secretaria Regional de Educação e Cultura da Região Autónoma da Madeira

Rua dos Ferreiros, n.º 165 – 9004-520 Funchal

Telef. 291 211 830 • Fax 291 230 341 • geral.drac@madeira-edu.pt • www.culturede.com

PREFÁCIO

**IVAN GONCHAROV E
A SUA *FRAGATA PALLADA***

Ivan Goncharov (1812-1891) é um dos maiores escritores russos e os seus livros soam hoje, mais do que nunca, como extremamente modernos. O tema mais importante da sua obra literária pode ser considerado o conflito entre, como diria Dostoievski, “a ideia de Rotschild”, ou seja, o capitalismo em formação e rápido desenvolvimento, e os mais vivos sentimentos humanos. O tempo de criação da obra literária de Goncharov coincide com o período de preparação e realização da chamada “reforma do campesinato”, ou seja, a abolição da servidão da gleba na Rússia. Os mais inteligentes pensadores políticos perceberam que o desenvolvimento capitalista era o caminho a seguir e reflectiram sobre até que ponto essa via corresponderia às tradições da Rússia. Por um lado, Goncharov percebia que a nobreza não tinha futuro (basta analisarmos a figura de Oblomov no romance homónimo). Por outro lado, estava ciente do facto de que depois da morte de Nicolau I, a Rússia entraria num século de terrorismo que, como se sabe, haveria de culminar em 1917 na catástrofe nacional.

Goncharov ficou conhecido, sobretudo, pelos seus três romances *Uma História Comum* (1847), *Oblomov* (1859) e *O Barranco* (1869) e disse a propósito de si próprio: “Não vejo três romances, mas um só. Todos eles estão ligados por um único fio condutor, uma ideia conse-

quente – a da transição de uma época da vida russa para outra, o que para mim correspondia a uma experiência pessoal”.

Já no primeiro romance – *Uma História Comum* – o escritor aborda a necessidade “da acção viva na luta contra a estagnação total da Rússia”, mas, por algum motivo, a participação nesta acção pressupõe a separação completa da esfera emocional humana, o que provoca o estado de apatia e inércia dos heróis. É notório que nos romances de Goncharov, Deus praticamente não existe, substituído pela *acção* que gradualmente conduz as pessoas à catástrofe moral.

O romance mais famoso de Goncharov, *Oblomov*, mostra “como e porquê no nosso país as pessoas se transformam precocemente em geleia”. Um proprietário agrário russo, Oblomov, recusa qualquer trabalho e o próprio amor de Olga, a mulher que ama, e vai gradualmente definhando na mais completa apatia até perecer. O seu amigo, Stolz (o sobrenome estrangeiro por excelência para os russos), funcionário “duma companhia que envia produtos para o estrangeiro”, casa-se com Olga. Mas já o crítico Dobroliubov, inicialmente partidário do progresso técnico e social, disse sobre Stolz: “Não é um homem que nos possa dizer numa língua compreensível para a alma russa esta palavra onnipotente: *avante!* O modo como consegue fazer algo razoável lá onde os outros não conseguem fazer nada – tudo isso permanece para nós um mistério”.

Um conhecido escritor russo do século XX, Mikhail Príchvin, escreveu em 1921: “Nenhuma actividade *positiva* na Rússia pode suportar a crítica de Oblomov: a sua tranquilidade esconde a demanda da actividade suprema, para a qual valia a pena perder a tranquilidade... O ideal de herói não se limita ao bem-estar material. Fundamental para ele é a harmonia de espírito e das relações humanas. É um sonho de algo por enquanto impossível, mas desejável”.

Goncharov sonhou com o desenvolvimento gradual que preservasse as peculiaridades nacionais da Rússia. No romance *O Barranco* (1869) mostra a incapacidade total de revolucionário Vólokhov ao qual opõe o proprietário agrário Tuchin, que cultiva a floresta, tem uma serragem e vende madeira para o estrangeiro. Todavia, esta figura parece bastante utópica. Mais reais são as palavras pronunciadas pelo

proprietário agrário Raiski ao próprio Vólokhov, mas depois excluídas da redacção final do romance:

- Vamos ambos partir. Eu também parto daqui a pouco – já não somos necessários aqui. Que venham outros...
- Quais outros? Para fazer o quê?
- Empedrar a rua Trópkin, construir pontes, julgar os mujiks por causa dos casacos de pele... E vão fazer tudo isto com Deus. Ele não lhes fará mal.

Em 1852 Ivan Goncharov parte para o Japão como secretário de almirante Putiátin na fragata “Pallada”. O seu famoso livro *A Fragata Pallada* desenvolve-se a partir das suas cartas aos amigos. E se os seus romances estão repletos do sentimento de inquietação pelo futuro da Rússia, *A Fragata Pallada* ocupa um lugar à parte na sua obra literária e exprime o sentimento de alegria tão próprio dos russos quando conhecem outras terras, a sua curiosidade natural e boa vontade (“Os povos da Europa nem imaginam como nos são caros” – disse Dostoievski).

De um modo geral, a literatura de viagens tornou-se popular na Rússia ainda na Idade Média. Toda a Rússia gostava de ler a tradução da obra *A História do Reino Indiano* onde se conta pormenorizadamente a aventura de Prestes João e do seu reino semi-fantástico, povoado por pessoas com chifres e muitos braços e, também, por semi-pessoas – semi-animais. Na Rússia Antiga era muito popular o género literário chamado *kbojenie* – descrição de peregrinações a lugares santos –, sendo o mais popular o *kbojenie* do prior Daniel à Terra Santa.

Entre 1471 e 1474, aproximadamente, a Índia foi visitada por um negociante de Tver, cidade da Rússia Central, Atanásio Nikitin, autor de outro *kbojenie*: *A Travessia dos Três Mares*. Atanásio descreveu sem pretensões as terras que visitou, em particular Ormuz, Gujarate, Chaul e Calicute. O seu maior receio era o de ser convertido violentamente ao Islão, e lamentou não poder celebrar a Páscoa ortodoxa, porque lhe tinham roubado, entre outras coisas, os livros religiosos que transportava.

Mas a tradição de literatura de viagens na Rússia não é muito ampla. As novas terras não foram descobertas pelo povo nem por nave-

gadores, mas normalmente pelos destacamentos de cossacos que nem sempre levavam consigo um secretário.

Em 1790 Alexandre Radíchtev escreveu a *Viagem de S.Petersburgo a Moscovo*, mas o objectivo desta obra não é a descrição das terras visitadas, mas o protesto contra a servidão. Entusiasmado pelo espírito crítico, o escritor não encontrou nada de positivo na vida da sua pátria. Mais tarde Pushkin haveria de responder-lhe à letra com a sua *Viagem de Moscovo a S.Petersburgo*.

A tradição de literatura de viagens foi continuada na Rússia pelo fundador de sentimentalismo russo, Nicolau Karamzin. Porém, nas *Cartas de um Viajante Russo* (1791-1792) não só transmite os seus próprios sentimentos, mas tenta sobretudo dar a conhecer a um leitor civilizado a cultura europeia, descrevendo os seus encontros com Kant, Herder, Wiland, conde d'Artois – o futuro rei Charles IX. Descreve os lugares de interesse na Europa e os lugares ligadas à vida e obra de escritores famosos. Tendo regressado da viagem, Karamzin ampliou o seu livro com estudos de carácter científico, e em 1801 publicou a variante completa das suas *Cartas*. Curiosamente, visitou a Europa num dos momentos mais interessantes da sua história – nas vésperas da Revolução Francesa – e conseguiu transmitir a impressão da chegada eminente da tempestade política.

Em 1830 Pushkin publicou a sua *Viagem a Arzrum* onde contou realisticamente a sua estada no Cáucaso, com o exército russo comandado por general Paskévitch.

Sendo um escritor já conhecido, Ivan Goncharov partiu para a sua viagem que afinal acabou por não ser de circum-navegação, “para ver e saber tudo o que na infância tinha lido como se fossem contos de fadas, quase não acreditando no que lhe contavam”. Mas havia, sem dúvida nenhuma, outro motivo importante para a sua viagem: queria ver o estrangeiro para perceber e traçar o futuro da Rússia. À espera da reforma da servidão, os chamados revolucionários-democratas (partidários da ideia de revolução a realizar pelos camponeses) cujos dirigentes ele conhecia muito bem devido à colaboração na revista “Sovremennik” onde eles também escreviam, estavam a conduzir a Rússia “ao machado”. Goncharov era inimigo da reorganização violenta da vida e que-

ria transformar a sua pátria através de reformas graduais, conservando tudo o que de bom houvesse na vida russa. E este aspecto do seu pensamento é muito importante hoje, quando a Rússia, mais uma vez na sua história, está a passar por uma fase das mudanças.

De resto, na *Fragata Pallada*, Goncharov não esqueceu de mencionar que onde quer que estivesse, encontrava em todo o lado “aquela figura... que rege no mundo, as inteligências e paixões”. Trata-se dos ingleses. “Sempre e em toda a parte está presente a figura de um negociante inglês que domina os elementos e o trabalho humano e triunfa sobre a natureza!” Seguramente o escritor encontrou muitos ingleses na Madeira cuja descrição se oferece à atenção dos leitores. Mas também reconhece o seu lado positivo: o desenvolvimento rápido da ilha, a criação de postos de trabalho, a presença de grande quantidade de artigos ingleses nas lojas. Aproximando-se da ilha da Madeira, o autor exclama: “Como é bela a vida, sobretudo quando se pode viajar!”

Embora os primeiros portugueses tenham aparecido na Rússia já nos tempos de Pedro o Grande, e Portugal tenha sido visitado por grandes diplomatas russos como o conde Semion Voronzov e príncipe Nicolau Iussúpov, os russos conheciam muito pouco sobre Portugal. Por isso a descrição do Funchal na *Fragata Pallada* tem um certo valor para os russos. É interessante que o cônsul russo na Madeira fosse português e que tivesse acolhido muito bem os marinheiros russos. De um modo geral, como escreve Goncharov, “na Madeira senti a mesma frescura e frieza do ar da Volga que se bebe como a água mais cristalina de nascente”.

Certamente, as ilhas do Cabo Verde impressionaram-no menos, mas mesmo assim descreveu detalhadamente a roupa dos nativos e apreciou o sabor das laranjas locais. A expedição marítima teve um fim inesperado. Em 1853 as relações diplomáticas entre a Rússia e a Turquia foram interrompidas, o que resultou na Guerra da Crimeia e modificou os objectivos da expedição. Goncharov foi autorizado a regressar por via terrestre a São Petersburgo através da Sibéria, e o processo de determinação da fronteira entre a Rússia e o Japão na ilha de Sakhaline interrompeu-se. A “Pallada” foi abandonada pelos próprios russos que passaram para outra fragata russa – a “Diana” – que pouco tempo depois sofreu um maremoto.

Actualmente *A Fragata Pallada* é um dos livros preferidos da juventude russa e testemunha o espírito pacífico do povo russo e a sua capacidade de dialogar com outros estados e nações.

Entre 1856-1867 Goncharov trabalhou como censor. Sendo um grande escritor russo, a sua obra não foi muito divulgada nos anos do comunismo, porque era considerado um adversário da revolução social. Só agora é que se começa na Rússia a ler de novo os seus livros.

*Olga Ovcharenko**

* Olga Ovcharenko: doutorada em Letras pela Universidade Lomonossov de Moscovo, fez o pós-doutoramento no Instituto de Literatura mundial Maxim Gorki da Academia das Ciências da Rússia, instituição de que é actualmente investigadora principal. É também primeira vice-presidente da Associação Rússia-Portugal. Foi leitora de russo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e professora da Faculdade de Filologia da Universidade Lomonossov de Moscovo. Autora de inúmeras publicações sobre literatura russa e europeia, dedicou vários estudos à divulgação da literatura portuguesa na Rússia, e é autora de algumas das mais importantes traduções para russo de obras cimeiras do cânone literário português: *Os Lusíadas* de Luís de Camões (1a ed. 1988, 2a ed. 1999), *Mensagem* de Fernando Pessoa (1997), *Eurico o Presbítero* de Alexandre Herculano (1998), *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro (2000), *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett (2004), *Obras Escolhidas* do Padre António Vieira (2007) e *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco (2010).

I
DE KRONSTADT¹ AO CABO LIZARD²

Preparativos, despedidas e partida de Kronstadt – A fragata «Pallada» – O mar e os marinheiros – A messe – O golfo da Finlândia – Vento fresco – Enjoo – Jutlândia – Cólera a bordo – Homem ao mar – Öresund³ – Kattegat⁴ e Skagerrak⁵ – O Mar do Norte – O banco de Dogger e o navio-farol Galloper – Um navio abandonado – Pescadores – O Canal da Mancha e a baía de Spithead – Londres – Os funerais de Wellington – Notas sobre os ingleses e as inglesas – Regresso a Portsmouth – Vida no «Camperdown» – Passeio por Portsmouth, Southsea, Portsea e Gosport – À espera de vento favorável na baía de Spithead – Noite da véspera de Natal – Perfil dum inglês e dum russo – Partida

Espanta-me que você não tenha recebido a minha primeira carta da Inglaterra, de 2-14 de Novembro de 1852, e a segunda de Hong Kong, justamente de lugares onde é costume cuidar duma carta como

¹ Cidade russa no golfo de Finlândia.

² Extremidade da Península de Lizard na região inglesa da Cornualha.

³ Estreito entre a Dinamarca e a Suécia.

⁴ Estreito entre a península dinamarquesa da Jutlândia e Suécia.

⁵ Estreito entre a península dinamarquesa da Jutlândia e o sul da Noruega que liga Kattegat ao Mar do Norte.

de uma criança recém-nascida. Na Inglaterra e nas suas colónias, uma carta é um objecto sagrado que passa por dezenas de mãos, viaja por caminho-de-ferro e por outros meios, atravessa oceanos dum hemisfério para o outro, e encontra infalivelmente a pessoa a quem foi enviada, naturalmente se esta ainda estiver viva, ou volta sem falta ao remetente, caso aquela pessoa tenha falecido ou regressado ao país de origem. Ter-se-ão porventura extraviado ao passar pelos territórios da Dinamarca ou da Prússia? Mas agora é tarde para averiguar e perder tempo com ninharias: talvez seja melhor voltar simplesmente a escrevê-las, se for preciso...

Você pede pormenores sobre o meu primeiro contacto com o mar, os marinheiros, as costas da Dinamarca e da Suécia, e com a Inglaterra. Você deseja saber como, de repente, do meu quarto sossegado, que abandonava só em caso de extrema necessidade e sempre com muita relutância, passei para o seio flutuante do mar, e como eu, o mais acostumado de entre nós, à vida da cidade, à azáfama do dia-a-dia e ao conforto tranquilo das suas noites, tive que virar do avesso essa vida ordenada e lançar-me de um momento para o outro na vida aventureira de marinheiro. Eu que, às vezes, não conseguia dormir se no quarto irrompia uma varejeira que esvoaçava com um zumbido fe-roz, batendo no tecto e nas janelas, ou se um ratinho se punha a roer a um canto; eu que me afastava da janela mal sentia a mais pequena corrente de ar, que amaldiçoava a estrada ao mínimo buraco, que recusava ir a uma noite de gala nos arredores da cidade com o pretexto que «ficava longe», eu que receava deitar-me mais tarde do costume, que me queixava se a sopa soubesse a fumo, ou se a carne assada ficasse esturricada, ou se a água não estivesse transparente como um cristal... E de repente – eis-me no mar!

«Como é que vai conseguir caminhar se o navio baloiçar?» – perguntavam aqueles que garantiam que para enjoar bastaria que o coche não fosse guiado pelo cocheiro do costume. «Como é que vai conseguir dormir, o que é que vai comer? Como é que se vai dar com desconhecidos?» – ressoavam as perguntas, e todos olhavam para mim com uma curiosidade mórbida, como se eu fosse uma vítima condenada ao suplício. Vê-se que nunca tinham estado no mar e que ainda

tinham na memória os velhos romances de Cooper⁶ ou os contos de Marryat⁷ que falavam do mar e de marinheiros, e de capitães capazes de agrilhoar os passageiros e atormentar e enforcar os subalternos, romances e contos que falavam de naufrágios e maremotos. «O capitão vai amarrá-lo ao convés e deixá-lo à noite ao relento – diziam-me amigos e conhecidos (muitas vezes também você, lembra-se?) – vai proibir que lhe dêem comida, vai abandoná-lo numa praia deserta». – «E porquê?» – perguntava eu. «Basta que você não se sente ou não caminhe como deve ser, ou que fume um charuto, o que é proibido». – «Mas eu vou comportar-me de acordo com as regras a bordo», – respondia, conciliante. – «Aqui você está acostumado a ficar acordado até muito tarde, mas lá, mal o sol se põe, apagam todas as luzes, – diziam outros – e que barulho, que estrondos, que cheiro, que gritaria!» – «Vai-se tornar num bêbado! – preocupavam-se alguns – lá a água doce é uma raridade, e todos bebem rum». – «É verdade, bebem-no às canecas, vi com estes olhos, já estive embarcado» – acrescentava alguém. Uma velhinha abanava tristemente a cabeça olhando para mim, e suplicava com insistência que eu «desse a volta ao mundo por via terrestre». Outra senhora, culta e muito minha amiga, desatou a chorar quando me fui despedir. Fiquei estupefacto: não a via mais de três vezes por ano e podia até estar três anos sem a ver, exactamente o tempo que é preciso para circum-navegar o mundo, que ela nem daria por isso. «Porque está a chorar?» – perguntei. «Tenho pena de si» – disse, enxugando as lágrimas. – «Pena porque um homem a mais é uma distração?» – retorqui. – «E você que tem feito para me distrair?» – disse ela. Fiquei desnorteado: enfim, porque estava ela a chorar? – «Tenho simplesmente pena porque você vai para Deus sabe onde». A resposta encheu-me de raiva. Eis a consideração que na nossa terra se tem pela sorte invejável de um viajante! – «Perceberia as suas lá-

⁶ James Fenimore Cooper (1789-1851), escritor estado-unidense. Foi o autor de *O último dos Moicanos*.

⁷ Frederick Marryat (1792-1858), autor de romances marítimos, referindo-se inclusivamente num deles à Madeira (cf. Jacinto do Prado Coelho, “Madeira” in *Dicionário de Literatura*). Foi o inventor do código internacional de sinalização marítima.

grimas se elas fossem de inveja – disse eu – se você tivesse pena que tivesse calhado a mim e não a si visitar lugares onde quase ninguém daqui esteve, ver coisas maravilhosas com as quais aqui nem se sonha, pelo facto de à minha frente se abrir um livro grandioso de que é difícil que alguém tenha lido sequer a primeira página...» – Eu falava em grande estilo. «Basta – disse ela melancolicamente – sei-o bem, mas pergunto-me qual será o preço que terá de pagar por ler esse livro? Pense no que estará à sua espera, no que você vai ter de suportar, e nas probabilidades de não voltar a casa!... Tenho pena de si, da sua sorte, por isso estou a chorar. De resto, você não acredita em lágrimas, – acrescentou ela – e eu não estou a chorar por sua causa, tenho só vontade de chorar!»

A ideia de partir inebriava-me, e eu respondia despreocupadamente e em tom de brincadeira a todos os prognósticos e conselhos porque ainda faltava muito para aquele evento. Eu sonhava – e há muito que o fazia – com aquela viagem, talvez desde o momento em que o meu professor me dissera que, se se avançasse sem parar desde um ponto qualquer do mundo, voltar-se-ia àquele mesmo ponto vindos da direcção contrária: eu tinha vontade de partir da margem direita do rio Volga onde nasci, e voltar pela margem esquerda, tinha vontade de viajar até onde o professor indicava com o dedo ficarem o equador, os pólos, os trópicos. Mas depois, quando passei do mapa e da vareta do meu professor às façanhas e aventuras de Cook⁸ e de Vancouver⁹, fiquei triste: que eram elas perante os feitos dos heróis de Homero, de Ajax, de Aquiles e do próprio Hércules? Ninharias! A mente tímida de um rapaz nascido no meio de um continente e que nunca tinha visto o mar, apavorava-se perante os horrores e as desgraças de que está cheio o caminho dos navegadores. Mas com a idade aqueles horrores apagaram-se da memória, e na imaginação viveram, e viveram além

⁸ James Cook (1728-1779), explorador inglês. Passou pela Madeira numa das suas viagens de circum-navegação. Foi o descobridor das Ilhas do Havai.

⁹ George Vancouver (1757-1798), navegador inglês, companheiro de Cook na segunda e terceira viagem de circum-navegação. Deu o seu nome à cidade e à ilha canadiana de Vancouver.

da juventude, só as visões das florestas tropicais, do mar azul, do luminoso céu dourado.

«Não, não quero ir a Paris, – lembra-se, repetia-lho sempre – nem a Londres, nem à Itália, embora o poeta¹⁰ a cantasse lindamente – quero mas é ir ao Brasil, à Índia, quero ir onde o sol faz brotar a vida das pedras e, ao mesmo tempo, transforma em pedra tudo o que toca com o seu fogo; onde o homem, como os nossos avoengos, colhe frutos não cultivados, onde ruge o leão e rasteja a serpente, onde reina um verão eterno, – exactamente aí, nas luminosas construções do mundo, onde a natureza, como uma dançarina, emana volúpia, onde se sufoca e viver é terrível e fascinante, onde a fantasia, já sem forças, emudece perante a criação, onde os olhos nunca se cansam de olhar nem o coração de palpitar».

Tudo era misterioso e fantástico na fabulosa magia da distância: os mais afortunados viajavam até lá e voltavam com cativantes, embora vagos, relatos sobre aquelas maravilhas e com uma explicação infantil dos segredos do mundo. Mas eis que chega o homem, sábio e poeta, e ilumina os recantos obscuros da terra. Levou com ele a bússola, a enxada, o compasso e o pincel, com o coração cheio de fé no Criador e de amor pela sua criação. Levou a vida, a inteligência e a experiência aos desertos de pedra, ao coração das florestas, e com a força do iluminado intelecto indicou o caminho a milhares de homens. «O cosmos!» Com mais intensidade que nunca ansiava observar com os meus olhos o cosmos vivo. «Com confiança, – pensava – daria a mão ao sábio como uma criança a um adulto, ficaria a ouvi-lo com atenção, e se compreendesse tanto quanto percebe uma criança da explicação do preceptor, seria um homem rico, com o pouco que tivesse aprendido». Mas aquele sonho, como tantos outros, ficou confinado na minha imaginação. Os dias sucediam-se rapidamente, a vida ameaçava esvaziar-se totalmente, transformar-se num entardecer, numa eterna rotina: dias que podiam parecer diferentes uns dos outros, mas que acabavam por se acumular numa pilha monótona de anos. Um boce-

¹⁰ Goncharov refere-se à colectânea de poemas *Очерки Рима* (Esboços de Roma) do seu amigo Apollon Nikolaevich Maikov.

jo no emprego, um bocejo durante a leitura, um bocejo durante um espectáculo e o um bocejo igualzinho numa reunião barulhenta e até numa conversa entre amigos!

E de repente, de maneira de todo inesperada, eis-me perante a possibilidade de ressuscitar os sonhos, despertar as recordações, lembrar-me dos heróis de todo o mundo há muito esquecidos dentro de mim. De repente, eis-me na sua pegada à volta do mundo! Tremia de felicidade ao pensar nisso: ia visitar a China e a Índia, atravessar os oceanos, pôr pé naquelas ilhas onde os selvagens passeiam na sua primitiva simplicidade, ia olhar aqueles prodígios – e a minha vida já não seria uma ociosa representação de acontecimentos monótonos e insignificantes. Renasci: todos os sonhos da juventude, a própria juventude voltavam para mim. Partir, partir já!

Uma estranha sensação, porém, apoderou-se de mim quando foi decidida a minha partida: só naquele momento a consciência da enormidade do empreendimento se fez sentir inteira e claramente. Os sonhos felizes empalideceram por algum tempo; o empreendimento aniquilava a imaginação, as forças enfraqueciam, os nervos cediam à medida que a hora da partida se aproximava. Comecei a invejar a sorte dos que ficavam, ficava contente quando surgiam obstáculos, e eu mesmo exagerava as dificuldades e andava à procura de pretextos para não partir. Mas o destino, que normalmente se opõe aos nossos intentos, parecia ter resolvido ajudar. E mesmo as pessoas, inclusive os desconhecidos, noutras alturas inacessíveis, pareciam ter combinado entre si, mais ainda que o próprio destino, para eliminar qualquer obstáculo que pudesse se deparar. Sentia-me vítima duma luta interior, de inúmeras emoções, e estava quase esgotado. «Mas para onde é que eu vou? O que é que me passou pela cabeça?» E tinha medo de ler aquelas perguntas também estampadas na cara dos outros. A compaixão apavorava-me. Observava com ansiedade como a minha casa se ia esvaziando, os móveis, o escritório, o maple confortável, o sofá, a serem levados. Abandonar tudo aquilo em troca de quê?

A minha vida parecia ter-se desdobrado, quase como se, de repente, estivesse a viver duas vidas ou me tivessem destinado dois mundos diferentes onde viver simultaneamente. Num deles, sou um modesto

funcionário público, que usa um fraque de serviço e que fica acanhado perante o olhar do chefe, um funcionário que tem medo de apanhar gripe, fechado dentro de quatro paredes com algumas dezenas de pessoas todas iguais e com o mesmo uniforme. No outro mundo, sou um novo Argonauta¹¹, que usa chapéu de palha e casaco branco de linho, talvez com uma pitada de tabaco na boca, que atravessa os abismos à procura do Tosão de Ouro na inacessível Cólquida¹² e que todos os meses muda de clima, de céu, de mar e de país. Ali sou um redactor de ofícios, relatórios e declarações; aqui sou o cantor, embora *ex officio*, da expedição. Come se pode viver esta outra vida, como é possível transformar-se num cidadão do outro mundo? Como se pode substituir o acanhamento dum funcionário público e a apatia do literato russo com a energia dum navegador, a brandura dum habitante da cidade com a rudeza dum marinheiro? Não me foram dados outros ossos nem novos nervos, mas eis que de repente, dos passeios em Peterhof¹³ e Pargolovo¹⁴, acontece-me agora ir dar uma volta até ao equador, e daí ao extremo Pólo Sul, do Pólo Sul ao Pólo Norte, atravessar quatro oceanos, dar a volta a cinco continentes e ainda sonhar com voltar a casa... A realidade aproximava-se como uma nuvem cada vez mais ameaçadora, e um pavor miserável visitava a minha alma quando eu mergulhava na análise pormenorizada da viagem iminente. Enjoo, mudanças de clima, calores tropicais, febres malignas, bestas, selvagens, tempestades – tudo me vinha à mente, sobretudo as tempestades. Embora respondesse despreocupadamente a todos os conselhos, em parte comoventes, em parte engraçados, dos meus amigos, o pavor insinuava, dia e noite, diante de mim, fantasmas de desgraça. Ora apresentava-se um recife onde o nosso na-

¹¹ Heróicos tripulantes do navio Argo que, de acordo a antiga lenda grega, foram numa expedição até Cólquida (veja-se a nota n.º 12) à procura do Tosão de Ouro sob o comando de Jasão.

¹² Região ao sul do Cáucaso e a leste do Mar Negro. Faz hoje parte da República da Geórgia.

¹³ Cidade próxima de São Petersburgo onde Pedro, o Grande, mandou construir palácios e jardins monumentais, que lhe valeram o epíteto de “Versailles russa”.

¹⁴ Localidade perto de São Petersburgo.

vio se despedaçava, e as pessoas, prestes a afogar, tentavam em vão agarrar com as mãos cansadas as rochas lisas; ora sonhava que dava comigo numa ilha deserta, agarrado a um pedaço do navio, e a morrer de fome... Acordava a tremer, com gotas de suor na testa. Um navio, embora sólido e preparado para o mar, o que é, afinal de contas? Um mero pedaço de pau, uma casca de noz, um epigrama contra as forças humanas. Eu receava que o meu organismo não acostumado não aguentasse uma tal quantidade de condições difíceis, a súbita passagem de uma vida sossegada a uma autêntica luta contra os novos e bruscos acontecimentos da vida vagabunda. Enfim, seria a minha alma capaz de conter semelhante quadro do mundo que de repente se abria à minha frente? Era uma ousadia quase titânica! Onde encontraria eu forças para absorver tantas e tão poderosas impressões? E quando na alma irrompessem semelhantes hóspedes, não iria o anfitrião meter os pés pelas mãos bem no meio do banquete?

Eu lutava como podia com as minhas dúvidas. Consegui dissipar algumas, outras ficaram sem solução até chegar o seu momento, e pouco a pouco foi-me enchendo de coragem. Lembrei-me de que aquela viagem já não seria como a de Fernão de Magalhães, que os homens já tinham vencido os mistérios e os medos, que já não havia a majestosa figura de Cristóvão Colombo ou de Vasco da Gama que, do convés, perscruta o horizonte, em direcção ao futuro desconhecido: haveria, sim, um piloto inglês, de casacão azul e calças de couro, e cara vermelha, ou um imediato russo com uma folha de serviço impecável, que indicam com o dedo o caminho ao navio e estabelecem sem erros o dia e a hora da chegada. Bocejando apaticamente entre marinheiros, o literato observa «o imenso horizonte» do oceano e pergunta a si mesmo se haverá bons hotéis no Brasil, se haverá lavadeiras nas Ilhas Sandwich e com que meios as pessoas se deslocam na Austrália. «Os hotéis são óptimos, – respondem-lhe – nas Ilhas Sandwich vai encontrar tudo e mais alguma coisa: uma comunidade alemã, alguns hotéis franceses, um *porter* inglês – tudo além dos selvagens». Na Austrália há coches e caleches; os chineses já começaram a usar roupa de tecido irlandês; no leste da Índia todos falam inglês; os selvagens americanos mudam dos bosques para Paris ou Londres e pedem admissão nas universida-

des; na África os negros começam a envergonhar-se da cor dos seus rostos e acostumam-se pouco a pouco a usar luvas brancas. Só muito dificilmente se cai no abraço mortal duma jibóia ou nas garras dum tigre ou dum leão. A China resistiu durante muito tempo, mas também aquele cofre cheio de antigas quinquilharias acabou por se abrir – a tampa saltou das missagras, arrancada pela pólvora. O europeu remexe nos farrapos, usa o que lhe serve, renova, põe e dispõe... Não tarda nada e já não haverá mistérios nem prodígios, nem perigos nem incómodos. Já é possível transformar, hoje em dia, água salgada em água doce. A cinco mil *verstas*¹⁵ da costa servem-se pratos de hortaliça fresca e peças de caça. No equador pode-se comer sopa de couve à russa. As partes do mundo aproximam-se rapidamente umas das outras: para ir da Europa à América basta estender um braço, diz-se que um dia se conseguirá chegar lá em quarenta e oito horas. É um *bluff*, uma brincadeira sem dúvida, mas é um *bluff* de hoje que alude aos enormes progressos da navegação.

Partir pois, e já! A poesia das longas viagens está a desaparecer não de dia para dia, mas de hora em hora. Nós talvez sejamos os últimos viajantes no sentido dos Argonautas: quando voltarmos, olharão para nós com interesse e talvez até com inveja.

Parecia que todos os medos tinham desaparecido como sonhos: sentia-me impelido pela liberdade e por uma série de prazeres nunca experimentados. O peito respirava livremente, sentia já o vento do sul a soprar na direcção contrária; o céu e a água azuis atraíam-me. Mas de repente, detrás destas perspectivas, surgia de novo um terrível fantasma que crescia à medida que eu prosseguia. Aquele fantasma era a lembrança dos deveres de um viajante literato perante os compatriotas, perante a sociedade que segue os feitos dos navegadores. Uma expedição ao Japão não é uma agulha: não se pode esconder nem perdê-la. Se hoje em dia é difícil para quem escreve partir para a Itália sem que o seu público o saiba, imagine-se neste caso em que se está prestes a dar a volta ao mundo, tentando contar isso tudo de

¹⁵ Antiga unidade de medida usada do império russo, equivalente a 1066,80 metros.

A Fragata Pallada é simultaneamente um veleiro e um *travelogue*, sendo que o segundo contribuiu decisivamente para perpetuar a memória do primeiro. De facto, o relato da viagem de circum-navegação da fragata Pallada, do mar Báltico de onde parte em Outubro de 1852, atravessando os oceanos Atlântico e Índico, até o Pacífico (mais precisamente o estreito da Tartária, entre o mar do Japão do mar de Okhotsk) é póstumo no sentido em que o barco não chegou a completar a viagem, tendo sido afundado pela própria tripulação em Julho de 1854, e substituído pela fragata a vapor Diana que viria por sua vez a ser destruída no terrível maremoto de Shimoda em Dezembro do mesmo ano. Por isso, a *Fragata Pallada* pode também ser vista como um autêntico canto do cisne de um tipo de navegação (à vela) condenado a desaparecer.

Sendo o cronista oficial da expedição (que visava estabelecer um acordo comercial entre a Rússia e o Japão, e determinar as respectivas fronteiras na ilha de Sacalina), as impressões de viagem que nos legou Ivan Goncharov são um retrato psicológico fidedigno e por vezes passional da vida daquele “cantinho da Rússia, com quatrocentas pessoas a bordo, que errou durante dois anos pelos oceanos”, como refere o escritor no prefácio à terceira edição da obra. Por outro lado, e apesar da sua inclinação à indolência e ao tédio, que acabarão por motivar o pedido de regresso a casa antes do fim da missão, a inteligência e a capacidade de observação do autor, e sobretudo o seu “demónio da analogia” que o leva a tirar ilações agudas sobre a própria índole russa, dão-nos algumas páginas memoráveis sobre as culturas com quem entra em contacto, nomeadamente a cultura britânica e a cultura japonesa, mas também, ainda que marginalmente, a portuguesa.

Este livro, traduzido pela primeira vez em português, contempla exclusivamente a parte atlântica da viagem, e inclui os capítulos dedicados à Madeira e Cabo Verde, os quais fornecem um surpreendente retrato do Portugal insular em meados de oitocentos, visto pelos olhos de uma dos maiores escritores russos do seu tempo, como testemunho da curiosidade e do espírito ecuménico deste povo. Da passagem de Goncharov pela Madeira, ficará registado aquilo que pode ser considerado *o sonho atlântico de Oblomov*, ou seja, a grata recordação daquele “ar que se bebe como puríssima água da fonte”, só comparável ao das margens do seu Volga natal, mas também uma sugestiva página de *oblomovismo* insular, interpretada à luz do colonialismo britânico de que o autor nos deixa um impiedoso retrato.

Região Autónoma da Madeira
Secretaria Regional de Educação e Cultura

DRAC
MADEIRA
Direção Regional dos Assuntos Culturais

www.sopadeletras.com.pt

ISBN 978-972-8708-51-1



9 789728 708511